

O erótico ir e vir na literatura de Cabo Verde

Iris Maria da Costa Amância Caetano*

Este trabalho pretende tecer algumas considerações a respeito de dois momentos decisivos de tomada de consciência nacional, em que os escritores do Arquipélago de Cabo Verde decidem substituir a *expressão portuguesa* de sua produção poética por uma outra voz que fizesse ecoar em alto e bom tom a raiz, o drama, enfim, a cultura do caboverdiano. **Claridade** e **Certeza** aqui aparecem como dois momentos (movimentos?) revolucionários na vida literária e cultural daquele Arquipélago.

Em se tratando de **Claridade**, tomarei, metonimicamente, por objeto de estudo um poema de Osvaldo Alcântara:

Saudade fina de Pasárgada...

*Em Pasárgada eu saberia
onde é que Deus tinha depositado
o meu destino...*

*E na altura em que tudo morre...
(cavalinhos de Nosso Senhor correm no céu;
a vizinha acalenta o sono do filho rezingão;
Tói Mulato foge a bordo de um vapor;
o comerciante tirou a menina de casa;
os mocinhos da minha rua cantam:
 Indo eu, indo eu,
 a caminho de Viseu...)*

*Na hora em que tudo morre,
esta saudade fina de Pasárgada
é um veneno gostoso dentro do meu coração.*

* Doutoranda em Literatura Comparada – FALE/UFMG.

O poema “Itinerário de Pasárgada”, de Alcântara, remete o leitor, de imediato, ao “Vou-me embora pra Pasárgada”, do brasileiro Manuel Bandeira, e, conseqüentemente, a constatar uma relação intertextual entre ambos, visto que tratam de um forte desejo que caracterizou o início do Modernismo, no caso específico do Brasil: o *vou-me emborismo*.

O texto do caboverdiano dialoga com o texto de Bandeira, principalmente no tocante à problemática de um povo em cuja vida socioeconômica residem a amargura, a tristeza e a dor, o lado da doce alegria de ser em África. Não se trata, entretanto, de um mero caso de influência (vide Literatura Comparada) do poeta brasileiro sobre Alcântara, mas, antes, de um processo de apropriação da temática do outro como *fingimento* artístico, por meio do qual o poeta revela a sua própria temática.

Alcântara se utiliza do mundo melhor idealizado por Bandeira como o lugar para onde irá evadir-se. Um lugar distante, onde o poeta de Cabo Verde, numa postura elitista – pois estaria distanciado do povo e seria conhecedor de seu próprio destino – desfrutaria sozinho de uma suposta harmonia e tranqüilidade. Porém, a proposta de Alcântara não parece estar pautada na evasão pela evasão. Há um sentimento maior que se evidencia. A ida para Pasárgada atinge aqui menos o caráter de fuga do real, que o da expressão máxima de recusa à dura realidade do Arquipélago.

Ao se questionar – *Por que partir?* –, o sujeito caboverdiano encontra respostas em Ovídio Martins: *Somos os flagelados do Vento Leste!*

A partida se deve, por um lado, ao fato de a estrutura socioeconômica de Cabo Verde não oferecer condições suficientemente necessárias à vida da população crioula. Segundo Alfredo Margarido, as dificuldades são provenientes da

lestada do deserto africano por sobre o oceano, felizmente raro nas suas conseqüências extremas: varre a ilha de lés a lés, reduzindo-a a uma longa série de espinhanhaços agrestes e cruéis, onde o homem procura, debalde, o mais leve rasto decoisa que valha a pena comer. E toda uma população se debate com as circunstâncias de uma miséque a falta de chuva provoca com uma regularidade desumana. (Margarido, 1980, p. 436)

Por outro lado (e por todos os lados!), Cabo Verde encontra-se cercado pelo mar que, adicionado à esterilidade das ilhas, assume o papel de principal veículo da partida.

Daí, inicia-se o grande conflito: *partir* para terras longínquas (*wanderlust*), onde uma vida saudável possa ser realidade, ou *ficar*, por medo do mar e por amor à terra, à comida, à morna (fincar os pés no solo)?

Não vou para Pasárgada

Gritarei

Berrarei

Matarei

Não vou para Pasárgada

Ao contrário de Osvaldo Alcântara, o fazer poético de Ovídio Martins é de caráter estético-ideológico revolucionário. O poeta não demonstra acreditar que a partida seja a atitude máxima do caboverdiano e/ou que emigrar seja a única forma de salvação do povo ilhéu. O poeta recusa a intelectualização poemática de seu antecessor e se nega a partir com o mesmo para a *fin*a Pasárgada. Uma outra face da emigração se revela: o retorno. A idéia do regresso é uma possibilidade que se encontra presente no imaginário do caboverdiano. A nostalgia ou o êxito da emigração permite o regresso às raízes, mesmo diante das carências naturais. Assim, ao questionar sua realidade, o sujeito caboverdiano encontra novamente, em Ovídio Martins, respostas às suas indagações:

*Somos os flagelados do Vento Leste!
Morremos e ressuscitamos todos os anos
para desespero dos que nos impedem
a caminhada.
Teimosamente continuamos de pé
num desafio aos deuses e aos homens
E as estiagens já não nos metem medo
porque descobrimos a origem das coisas
(quando pudermos!...)*

Os versos de Ovídio Martins, contrastados com os de Alcântara, demonstram que a vontade-necessidade de partir está diretamente ligada ao desejo de ficar-voltar. Daí, pode-se afirmar que o Mito do Eterno Retorno está presente nas manifestações de partida. (Não seria esta a dualidade de dois pontos extremos que perfeita e magnificamente se opõem e se complementam?!...).

Porém, o momento da **Certeza** é de ficar fisicamente, ou de regressar espiritualmente a cada contato com os elementos da terra: a morna, a comida, o crioulo... O grupo da **Certeza** propõe uma volta, uma retomada dos valores da cultura caboverdiana – seja através de ações concretas, seja por meio de viagens ao passado, proporcionadas pela memória –, pois acredita que o retorno cultural conduziria o povo a lutar contra o interdito que o levava à morte ou a condições reificantes.

Na verdade, é o Mito do Eterno Retorno que ressurge, com ironia, levando o homem à redescoberta e ao reconhecimento de si mesmo. Assim o foi com

Viver no Arquipélago é viver em dialética. Neste poema, portanto, Alcântara escolhe partir, como quem opta por libertar-se da impossibilidade de, da interdição. O poeta quer ir além, para um outro lugar em que possa sentir-se a si mesmo e se auto-realizar. Alcântara busca a transgressão.

Viver em Cabo Verde é compactuar com a continuidade da luta entre Thanatos – o nome grego da Morte; irmão gêmeo de Hypnos, o sono – e Eros, deus do Amor; é, enfim, assumir uma atitude participativa no jogo do amor à terra, permitindo a dualidade dos instintos de vida e de morte pelo (e no) solo ilhéu. Não se poderia dizer, então, que viver em Cabo Verde é participar da constante angústia da experiência erótica? Quanto a isso, considero pertinente tomar por base as palavras de Bataille:

Em se tratando de erotismo (...), a sua experiência interior lúcida era impossível num tempo em que não aparecia às claras o jogo de balança do interdito e da transgressão que ordena a possibilidade de um e de outro. Não basta saber que existe esse jogo. O conhecimento do erotismo, (...), exige uma experiência pessoal igual e contraditória, do interdito e da transgressão. (Bataille, 1987, p. 27)

A experiência do interdito e da transgressão é freqüente no dia-a-dia do homem de Cabo Verde e tal fato se reflete no texto literário. Apesar de propor um diálogo entre a expressão popular e a poesia tida como *culta*; apesar de constituir um projeto significativo e de ter realizado profundas mudanças na tradição literária daquelas ilhas, o fenômeno **Claridade** dos anos 30 foi taxado de evasionista. O texto intelectualizado e esteticamente fundamentado recebeu críticas, talvez por não atacar concreta e abertamente a seca, a fome e a emigração. Com este objetivo específico, sucedeu à **Claridade** o grupo da **Certeza**, de base ideológica neo-realista portuguesa e marxista.

Nos anos 40, os anti-evasionistas da **Certeza** pretendiam também retomar as raízes, apresentando uma compreensão política dos problemas sociais. Um novo tom de conscientização é dado à produção literária e, com ele, um grito de guerra: *Caboverdianos de todo o mundo, uni-vos!*

Desta nova fase, destaco os versos de Ovídio Martins:

*Pedirei
Suplicarei
Chorarei*

Não vou para Pasárgada

*Atirar-me-ei no chão
e prenderei nas mãos convulsas
ervas e pedras de sangue*